

O QUE DIZEM OS ESTUDANTES SOBRE PAPEL DE GÊNERO: UM ESTUDO COMPARATIVO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE E NA UNIVERSIDADE DA MADEIRA

LO QUE DICEN LOS ESTUDIANTES SOBRE EL PAPEL DE GÉNERO: UN ESTUDIO COMPARATIVO EN LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE SERGIPE Y LA UNIVERSIDAD DE MADEIRA

WHAT STUDENTS SAY ABOUT GENDER ROLES: A COMPARATIVE STUDY AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF SERGIPE AND THE UNIVERSITY OF MADEIRA

José Paulo Gomes BRAZÃO¹
Alfrancio Ferreira DIAS²

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise da subcategoria de papel de gênero, no decurso de um estudo comparativo na Universidade da Madeira, UMa (Portugal) e na Universidade Federal de Sergipe, UFS (Brasil) sobre “Vozes dos estudantes universitários sobre a diversidade sexual e de gênero, sua relação com a coeducação e com a inovação pedagógica.” Em termos metodológicos foi adotada uma abordagem qualitativa, com aplicação de um questionário com questões abertas e fechadas e o visionamento de um vídeo curto de enquadramento do tema. Foi feita a análise de conteúdo aos dados obtidos. Os resultados comparados mostram que tanto os ex-estudantes da UMa como os da UFS valorizam o conceito de papel de gênero e reconhecem a necessidade de discuti-lo. Utilizam expressões idênticas quando fazem considerações valorativas sobre este conceito. No entanto verifica-se que há um envolvimento maior dos ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe na discussão deste tema. Em oposição, as respostas dos ex-estudantes na Universidade da Madeira confirmam a pouca adesão a essa iniciativa. Também se observa que a maioria dos ex-estudantes da UFS tem uma forte consciência dos constrangimentos que a vivência do papel de gênero acarreta, fora dos padrões sociais estereotipados. Isso pode ser justificado por experienciarem contextos sociais predominantemente paternalistas, com a presença de tabus sobre esta temática e que dificulta principalmente as mulheres na livre vivência do seu gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Diversidade. Papel de gênero. Academia.

¹ Universidade da Madeira (UMA), Madeira – Portugal. Professor e Investigador sénior na área científica de Inovação Pedagógica da Universidade da Madeira. Membro Associado do Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira - FCT- PEst-OE/CED/UI4083/2014 –Portugal. Membro Associado ConQuer - Grupo de estudos e pesquisas queer e outras epistemologias feministas (UFS). Doutor em Educação - Inovação Pedagógica (2008), pela Universidade da Madeira (UMA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3575-4366>. E-mail: jbrazao@staff.uma.pt

² Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão – SE – Brasil. Professor do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – Brasil. Líder do ConQuer - Grupo de estudos e pesquisas queer e outras epistemologias feministas. Doutorado em Sociologia (UFS). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5562-0085>. E-mail: diasalfrancio@academico.ufs.br

RESUMEN: Este artículo presenta un análisis de la subcategoría rol de género y es parte de un estudio comparativo en la Universidad de Madeira, UMa (Portugal) y la Universidad Federal de Sergipe, UFS (Brasil) sobre “Voces de estudiantes universitarios sobre la diversidad sexual y de género, su relación con la coeducación y la innovación pedagógica”. Utilizamos una metodología cualitativa, aplicamos un cuestionario con preguntas abiertas y cerradas y también el visionado de un video sobre el tema. Hicimos el análisis de contenido de los datos. Los resultados comparados muestran que tanto los exalumnos de la Universidad de Madeira como los de la Universidad Federal de Sergipe valoran el concepto de rol de género y reconocen la necesidad de discutirlo. Usan expresiones similares cuando hacen consideraciones evaluativas sobre este concepto. Sin embargo, parece que existe una mayor participación de los exalumnos de la Universidad Federal de Sergipe en la discusión de este tema. Por el contrario, las respuestas de antiguos alumnos de la Universidad de Madeira confirman la falta de adhesión a esta iniciativa. También observamos que la mayoría de los ex alumnos de la UFS son muy conscientes de las limitaciones para experimentar el rol de género, fuera de los estándares sociales estereotipados. Esto se puede explicar por el hecho de que viven contextos sociales predominantemente paternalistas, con presencia de tabúes sobre este tema, lo que dificulta principalmente a las mujeres en la vivencia libre de su género.

PALABRAS CLAVE: Educación. Diversidad. Papel de género. Academia.

ABSTRACT: This article presents an analysis of the gender role subcategory and is part of a comparative study at the University of Madeira, UMa (Portugal) and the Federal University of Sergipe, UFS (Brazil) on “Voices of university students on sexual diversity and gender, its relationship with co-education and pedagogical innovation.” We used a qualitative methodology; we applied a questionnaire with open and closed questions and the viewing of a video on the subject. We did the content analysis of the data. The compared results show that both former students from the University of Madeira and those from the Federal University of Sergipe value the concept of gender role and recognize the need to discuss it. They use similar expressions when making evaluative considerations about this concept. However, it appears that there is greater involvement of former students from the Federal University of Sergipe in the discussion of this topic. In contrast, the responses of former students at the University of Madeira confirm the lack of adherence to this initiative. We also observed that the majority of former UFS students are strongly aware of the constraints on experiencing the gender role, outside of stereotyped social standards. This can be explained by the fact that they experience predominantly paternalistic social contexts, with the presence of taboos on this topic, which mainly hinders women in the free experience of their gender.

KEYWORDS: Education. Diversity. Gender role. Academy.

Introdução

O conceito de gênero é construído socialmente por meio de um sistema de relações sociais de dominação e subordinação e em termos históricos legitimou desigualdades de poder material e simbólico entre homens e mulheres (LOURO, 2003).

Entre os estudos mais recentes sobre gênero, o pensamento de Guacira Lopes Louro (2003) e de Judith Butler (1990), têm ganho ênfase por apresentar o conceito de gênero como o aparato de produção, discursivo, performativo onde os sexos se estabelecem. Para estas autoras, o gênero é definido pelas ações, comportamentos, atos de escolha e pela performatividade. Esta interessante perspectiva da visão performativa de gênero produz o conhecimento situado para a compreensão da forma como os indivíduos vivenciam os seus corpos (BRAZÃO; DIAS, 2020). Sob esta lógica, Butler (2008) afirma que existem tantos gêneros quantas pessoas na Terra, pois os gêneros “performativos” resultam da multiplicidade dos discursos e das culturas em que os indivíduos se inserem.

Ao abordar a ação complexa do papel de gênero, enfatiza-se neste artigo a percepção subjetiva da identidade, a partir da qual os indivíduos vivenciam diferentes formas de masculinidade e feminilidade, não descartando a discussão de Scott (2005) sobre o paradoxo das identidades de grupo, porque consideramo-las inevitáveis à vida social e às diferenças de grupos socialmente visíveis.

Ser homem ou mulher é algo produzido por múltiplos discursos que (pré)determinam e atribuem “papéis”, supostamente “naturais” (LOURO, 2003). Os indivíduos constroem o gênero a partir do que consideram os gêneros inteligíveis, por apresentarem coerência com a matriz cultural onde se inserem. A inteligibilidade de gênero implica coerência e continuidade entre sexo, gênero e desejo, e prática reguladora, baseada em relações binárias de heterossexualidade compulsória. Assim os indivíduos tornam-se pessoas com gêneros de valor e inserem-se nos grupos de identidades dominantes.

Reivindica-se então um trabalho crítico sobre as entidades dominantes que normatizam quer o gênero, o sexo, a etnia, entre outros marcadores sociais e excluem os indivíduos não conformantes, pois a violência simbólica, psicológica ou física recai sobre a vida das pessoas consideradas de identidades minoritárias.

O termo subversão de gênero surge como processo contínuo de resistência dos sujeitos considerados identidades minoritárias na reinvenção da realidade que os oprime. A subversão representa também a desconstrução dos padrões de exclusão impostos com base na dualidade masculino/feminino, homem/mulher e na heteronormatividade (CARDOSO; SOARES; LIMA, 2017).

A discussão e o trabalho pedagógico nesta temática diminuem a LGBTIfobia e a desconstrução de estereótipos, tal como preconizam os estudos (ALMEIDA, 2017; CARDOSO,

2019; CARVALHO *et al.*, 2017; COUTO; CRUZ, 2017; DONATO; TONELLI, 2018; FRANÇA; FERRARI, 2016; MORAIS; BAIÃO; DE FREITAS, 2020; SANTOS; RIOS, 2021).

A nossa discussão sobre o conceito de papel de gênero insere-se no estudo comparativo na Universidade da Madeira, UMa (Portugal) e na Universidade Federal de Sergipe, UFS (Brasil) sobre “Vozes dos estudantes universitários sobre a diversidade sexual e de gênero, sua relação com a coeducação e com a inovação pedagógica.” (BRAZÃO; OLIVEIRA; DIAS, 2021). O projeto de pós-doutoramento foi apresentado por Brazão, P. (2021)³ e encontra-se publicado na plataforma TheBrain.com, sob orientação de Alfrancio Ferreira Dias, investigador e docente do Programa de Pós-doutoramento em Educação e Diversidade da Universidade Federal de Sergipe⁴.

Metodologia da investigação

Esta pesquisa apresenta uma abordagem metodológica qualitativa de natureza exploratória (ALVES; FIALHO; LIMA, 2018; NASCIMENTO; CAVALCANTE, 2018; NUNES, 2020). Neste artigo iremos apenas apresentar o estudo comparativo das enunciações dos ex-estudantes acerca de papel de gênero, nos dois contextos universitários: Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Universidade da Madeira (UMa).

Os questionários que serviram ao levantamento dos dados desta categoria mantiveram o mesmo número de questões, tendo o texto sido adaptado com expressões linguísticas aos dois contextos estudados. Em primeiro foi solicitado aos ex-estudantes que assistissem ao vídeo Canal das Bee. #GuiaBasicoLGBT. - Papel de género, publicado em: <https://youtu.be/fgRrmDkDSCM>.

Quadro 1 – Transcrição do conteúdo verbal do vídeo papel de gênero

... Agora estaremos falando sobre o que é o papel de gênero ... [por exemplo, uma] mulher grávida descobriu que tem [um] bebé com sexo biológico masculino ai fala dessa criança ... é menino, é um homem e esse vai ser mais show, esse vai gostar de mulher porque vai ter ... vai ser ... vai ter que aprender o que é ser homem ... não chorar ... e assim que possível deixar coisas de mulher ... tem que consertar ... porque gostar de rosa é

³ BRAZÃO, P. Apresentação do projeto vozes dos estudantes universitários sobre a diversidade sexual e de género, sua relação com a coeducação e com a inovação pedagógica: um estudo comparativo na Universidade da Madeira e na Universidade Federal de Sergipe. *The Brain*, 2021. Disponível em: <https://bra.in/7vA6Q3>. Acesso em: 10 out. 2021.

⁴ Espera-se com a pesquisa possa contribuir para a renovação conceitual e dos contextos organizacionais da prática da pedagogia (ALMEIDA; JAEHN; VASCONCELLOS, 2018; BRAZÃO; OLIVEIRA; DIAS, 2021; CARDOSO *et al.*, 2021; CARDOSO; DIAS, 2020; CARDOSO; DIAS, 2021; CARDOSO; MELO, 2021; CROCIARI; PEREZ, 2019; LUCIFORA, *et al.*, 2019; MENEZES; DIAS, 2020; PALMEIRA; DIAS, 2021; RIOS; VIEIRA, 2020; SANTOS; LAGE 2017; SANTOS; RIOS, 2021; SILVA; DIAS; RIOS, 2020; VILAÇA, 2019; VIVAS; BASTIDAS 2020).

coisa de veado e menina ... tem que ser violento ... tem que estar disposto ... tem que ser bom no futebol ... tem que comprar 50 camisetas do clube ... tem que gostar do Sarah ... é isso que é esperado de um menino quando ele nasce ... isso é tão horrível porque ... entretanto ... [às] mulheres foi dada a liberdade de trabalhar a sensibilidade, as emoções e presumem-se quando vem a menina ... [e se] a menina amanhã não vai ser mais sensível? ... tudo bem ... a menina chora, coisas de menina ... as meninas são mais frágeis ... essa figura frágil ... que vai ficar em casa ... que vai ficar ... o quê grávido? porque a mulher pede maneira: eu quero ficar grávida ... está lá para o seu marido ... sabe cozinhar, lavar, passar, ... Eu não sei nada disso e isso não faz de mim menos mulher ... não me faz uma mulher exatamente como qualquer outra está nesse papel de gênero ... [que] muda de cultura para cultura ... existem culturas que são mais matriarcais ... eu tenho cultura mais patriarcal, como a nossa ... isso é que é o filme na sua cabeça ... o que você tem que ser ... então aqui fica o nosso convite para você rever seu papel de gênero na sociedade e ver também a maneira como você cria seus filhos, como é que você cria o seu sobrinho ... como eu vou criar uma geração de pessoas que tenham menos amarras nesse papel de gênero? ... O papel de gênero [estereotipado] está sendo prejudicial para todo mundo ... vamos deixar claro aqui ... você precisa desamarrar a massa do papel de gênero ... [isso] não significa que você vai virar mulher ou virar homem ... porque é isso que é muito falado na ideologia de gênero: se você é um pouco mais feminino você é mulher e isso não é verdade ... Existem várias masculinidades em várias feminilidades que fazem vários jeitos de vocês ... a [vossa] forma como a mulher ... ou a [vossa] forma como homem ...

Fonte: Canal das Bee (2018)

Em segundo, foram apresentadas duas questões de resposta fechada, uma de resposta booleana (sim/não) sobre o conhecimento do conceito de papel de gênero e uma outra de resposta em escala Likert, de 5 níveis, indagando a frequência com que em contexto acadêmico participaram em conversas, debates sobre papel de gênero. Finalmente uma questão de resposta aberta, tentando obter a opinião sobre este tema. Os questionários encontram-se acessíveis nos links abaixo especificados⁵.

Para coleta de informação foi utilizado o Google Forms, da Google Drive resources. Definimos dois grupos de amostra de conveniência: a) os ex-estudantes do curso de mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da UMA, entre 2015 e 2020; b) os ex-estudantes do curso de graduação em Pedagogia, da UFS, entre 2015 e 2020.

Os dados qualitativos foram analisados com o auxílio de um programa informático que elaborado para executar a análise de conteúdo (BARDIN, 1997) e que inclui a transcrição das justificações dos ex-estudantes, a construção das categorias de análise em tabelas, ilustradas pelas unidades de significação semântica (BOGDAN; BLIKEN, 2017). Os recortes textuais foram codificados com a seguinte lógica: [País (PT ou Br) (-); campus universitário Itabaiana (ITA) ou São Cristóvão (SC); número de anos em que encontram após conclusão do curso (1...); número de ordem de resposta (1...)].

⁵ Para os ex-estudantes da Universidade da Madeira. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1okl-9ue088QFOy2dBtuyvQ9xXSTLmvKi/view?usp=sharing>. Acesso em: 10 out. 2021.

Para os ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/14M7EWnjiB3-yQWtFUD-0JbJKmX1YU-0Y/view?usp=sharing>. Acesso em: 10 out. 2021.

Foi utilizada a ferramenta FileMaker Pro v18, elaboradora de bases de dados relacionais, da Claris International Inc, desenvolvido para o Windows. Para além de organizar os recortes categorizados e subcategorizados dos textos, o programa contém conexões com um módulo de interpretação dos dados, uma vez que estabelece uma relação direta entre a análise dos recortes obtidos e os referenciais teóricos, selecionados para fundamentar a interpretação dos fenómenos, conforme Figura 1.

Figura 1 – Base de dados para análise de conteúdo dos dados qualitativos



Fonte: Os autores (2021)

Os textos com as afirmações dos ex-estudantes foram arrumados por unidades de significação semântica, conforme sugerem Bardin (1997) e Bogdan e Blikien (2017). A categoria de gênero, analisada neste artigo deu origem a subcategorias e cada uma delas foi justificada com diferentes fenómenos, conforme apresentamos no quadro 1 sobre a categorização dos resultados.

Quadro 2 – Categorização dos discursos dos ex-estudantes

Categoria: GÊNERO	
Subcategoria	Fenômenos
PAPEL DE GÊNERO (+)	Valorização do conceito de papel de gênero. Construção / reconstrução do papel de gênero centrada na percepção subjetiva da identidade.
PAPEL DE GÊNERO (-)	Constrangimentos na vivência do papel de gênero motivados pela influência de padrões sociais estereotipados.

Não valorização do conceito de papel de gênero.

Fonte: Os autores (2021)

Considerou-se que “Gênero” seria a categoria principal que inclui o papel de gênero. Observando as respostas dos participantes obteve-se duas subcategorias: a primeira designada de “Papel de gênero (+)” para reunir os fenômenos considerados positivos tais como: valorização do conceito papel de gênero; construção / reconstrução do papel de gênero centrada na percepção subjetiva da identidade.

A segunda subcategoria “Papel de gênero (-)” aglomerou os fenômenos: constrangimentos na vivência do papel de gênero motivados pelos padrões sociais estereotipados; não valorização do conceito de papel de gênero.

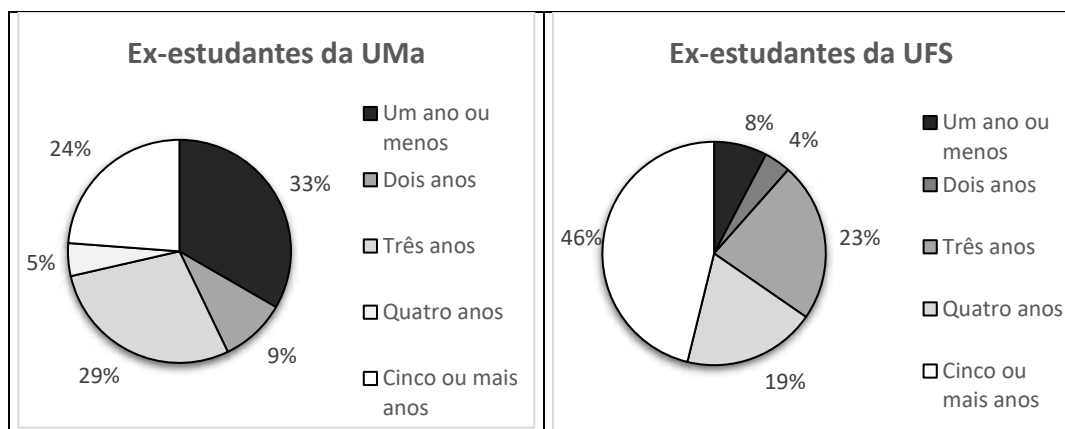
Caracterização dos participantes

Foi solicitado o preenchimento do questionário a 160 ex-estudantes da Universidade da Madeira. Destes apenas obtivemos 22 respostas (13,7%). De igual modo enviámos a 183 ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe e obtivemos 26 respostas (14,21%).

Quanto ao gênero, no grupo dos ex-estudantes da Universidade da Madeira (UMa), 95,5% identifica-se como mulher e 4,5% como homem. No grupo dos ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe (UFS), 76,9% identifica-se como mulher e 23,1% como homem.

Relativamente ao tempo decorrido após a conclusão do curso de formação na Universidade da Madeira (UMa) e na Universidade Federal de Sergipe (UFS), verificamos ainda o seguinte: a) Na Universidade da Madeira (UMa), a maior percentagem de participantes (33%) diz respeito a ex-estudantes que concluíram o curso há um ano ou menos, 29% de ex-estudantes concluiu o curso há três anos e 24% concluiu o curso há cinco anos; b) Na Universidade Federal de Sergipe (UFS), a maior percentagem (46%) é composta por ex-estudantes que concluíram o curso há cinco ou mais anos, 23% de ex-estudantes concluíram concluiu o curso há três anos e 19% concluiu o curso há quatro anos, conforme a Figura 2.

Figura 2 – Tempo decorrido após a conclusão do curso de formação na Universidade da Madeira (UMa) e na Universidade Federal de Sergipe (UFS)



Fonte: Os autores (2021)

Comparando os grupos de ex-estudantes, relativamente ao tempo decorrido após a conclusão dos cursos de formação inicial de professores, vemos que o grupo de ex-estudantes da UMa concluiu a sua formação mais recentemente que os seus pares no curso de Pedagogia, na UFS.

Análise do discurso verbal do vídeo

Procedemos a uma análise do discurso do vídeo utilizado para o enquadramento da subcategoria papel de gênero, conforme Quadro 3.

Quadro 3 – Análise do discurso verbal do vídeo Papel de gênero publicado em

Subcategoria: PAPEL DE GÊNERO	
Conteúdo semântico	Considerações
... Agora estaremos falando sobre o que é o papel de gênero	Identificação do tema de papel de gênero
... [por exemplo, uma] mulher grávida descobriu que tem [um] bebé com sexo biológico masculino ai fala dessa criança ... é menino, é um homem e esse vai ser mais show, esse vai gostar de mulher porque vai ter ... vai ser ... vai ter que aprender o que é ser homem ... não chorar ... e assim que possível deixar coisas de mulher ... tem que consertar ... porque gostar de rosa é coisa de viado e menina ... tem que ser violento ... tem que estar disposto ... tem que ser bom no futebol ... tem que comprar 50 camisetas do clube ... tem que gostar do Sarah ... é isso que é esperado de um menino quando ele nasce ... isso é tão horrível porque ...	Apresentação do papel de gênero no pressuposto estereotipado do género masculino / homem (aprender a ser homem): - Tem que gostar necessariamente do sexo oposto para acasalar. - Tem menos sensibilidade (não chora) - Não pode gostar de trajar cores femininas (rosa). - Tem que estar alerta para alguma avaliação suspeita sobre a sua masculinidade “não ser viado” - Tem que desenvolver os comportamentos considerados “de homem”.

<p>entretanto ... [às] mulheres foi dada a liberdade de trabalhar a sensibilidade, as emoções e presumem-se quando vem a menina ... [e se] a menina amanhã não vai ser mais sensível? ... tudo bem ... a menina chora, coisas de menina ... as meninas são mais frágeis ... essa figura frágil ... que vai ficar em casa ... que vai ficar ... o quê grávido? porque a mulher pede maneira: eu quero ficar grávida ... está lá para o seu marido ... sabe cozinhar, lavar, passar, ... Eu não sei nada disso e isso não faz de mim menos mulher ... não me faz uma mulher exatamente como qualquer outra está nesse papel de gênero ...</p>	<p>Apresentação do papel de gênero no pressuposto estereotipado do gênero feminino / mulher (aprender a ser mulher):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tem que ter mais sensibilidade - Tem que ter mais fragilidade - Tem que apresentar a condição de maternidade com o correspondente papel de doméstica. - Tem que desenvolver os comportamentos considerados “de mulher”.
<p>[que] muda de cultura para cultura ... existem culturas que são mais matriarcais ... eu tenho cultura mais patriarcal, como a nossa ...</p>	<p>Os padrões para o papel de gênero alteram com o contexto cultural. Homens e mulheres desenvolvem diferentes papéis consoante as sociedades sejam matriarcais ou patriarcais.</p>
<p>isso é que é o filme na sua cabeça ... o que você tem que ser ... então aqui fica o nosso convite para você rever seu papel de gênero na sociedade e ver também a maneira como você cria seus filhos, como é que você cria o seu sobrinho ... como eu vou criar uma geração de pessoas que tenham menos amarras nesse papel de gênero? ... O papel de gênero [estereotipado] está sendo prejudicial para todo mundo ... vamos deixar claro aqui ... você precisa desamarrear a massa do papel de gênero ...</p>	<p>Apelo à desconstrução do papel de gênero, centrada na percepção subjetiva da identidade.</p>
<p>[isso] não significa que você vai virar mulher ou virar homem ... porque é isso que é muito falado na ideologia de gênero: se você é um pouco mais feminino você é mulher e isso não é verdade</p>	<p>Alerta para os fenômenos de resistência social aquando da desconstrução do papel de gênero.</p>
<p>...Existem várias masculinidades em várias feminilidades que fazem vários jeitos de vocês ... a [vossa] forma como a mulher ... ou a [vossa] forma como homem ...</p>	<p>A percepção subjetiva da identidade permite a vivência de diferentes formas de masculinidade e feminilidade.</p>

Fonte: Canal das Bee (2018)

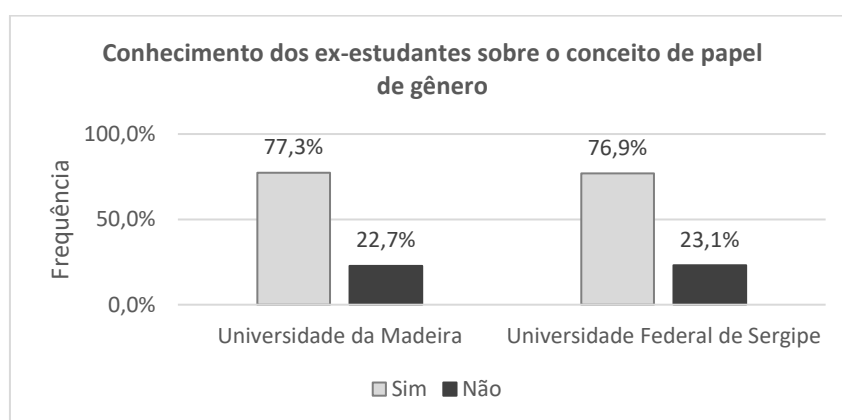
Embora a transcrição do texto apresente muitas marcas de oralidade, foi possível sistematizar o seguinte: a) Apresentação do papel de gênero no pressuposto estereotipado do gênero masculino/homem implica a adoção de predefinições sobre o que é ser homem e para o qual os sujeitos devem aprender a ser ou parecer; b) Apresentação do papel de gênero no pressuposto estereotipado do gênero feminino/mulher implica a adoção de predefinições sobre o que é ser mulher e para o qual os sujeitos devem aprender a ser ou parecer; c) Os padrões para o papel de gênero alteram-se com o contexto cultural. Homens e mulheres desenvolvem diferentes papéis consoante as sociedades onde se inserem sejam matriarcais ou patriarcais; d) A desconstrução do papel de gênero, centrada na percepção subjetiva da identidade desencadeia fenômenos de resistência social em sociedades menos permissivas; e) A percepção subjetiva da identidade permite a vivência de diferentes formas de masculinidade e feminilidade.

Este bloco de informações breves (tanto de âmbito contextual como de âmbito específico) situou os participantes sobre o conhecimento ou reconhecimento do conceito de papel gênero, no momento em que foram solicitados a preencher o questionário.

Discussão dos resultados

Relativamente ao conhecimento do conceito de papel de gênero, as respostas dos ex-estudantes de ambas as universidades estão globalmente muito próximas. Na UMa, 77,3% dos ex-estudantes diz que conhece o conceito de papel de gênero e na UFS, 76,9% também afirma o mesmo. Correspondentemente, 22,7% dos ex-estudantes da UMa, e 23,1% dos ex-estudantes da UFS respondem não ter conhecimento do conceito de papel de gênero. As respostas em ambas as universidades estão globalmente muito próximas, conforme se verifica na Figura 3.

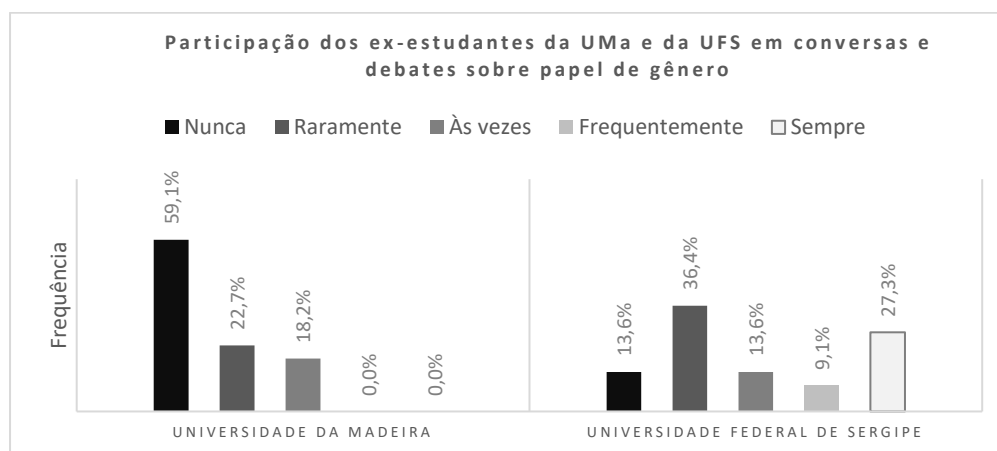
Figura 3 – Conhecimento dos ex-estudantes sobre o conceito de papel de gênero



Fonte: Os autores (2021)

Relativamente à participação dos ex-estudantes em conversas e debates sobre papel de gênero, as respostas em ambas as universidades são diferenciadas. Na UMa, 68,2% dos ex-estudantes diz que nunca participou em conversas e debates sobre gênero, 22,7% raramente e 9,1% referiu às vezes. Na UFS, 36,4% dos ex-estudantes respondeu que raramente participou em conversas e debates sobre gênero 27,3% diz que sempre, 27,3% respondeu que participou frequentemente, 13,6% referiu às vezes e, 13,6% respondeu que nunca participou, conforme se verifica na Figura 4.

Figura 4 – Participação dos ex-estudantes da UMa e da UFS em conversas e debates sobre papel de gênero



Fonte: Os autores (2021)

Comparando os resultados, verifica-se que há um envolvimento maior dos ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe na discussão do tema papel de gênero. Em oposição, as respostas dos ex-estudantes na Universidade da Madeira confirmam a pouca adesão a essa iniciativa.

Na análise de conteúdo às afirmações dos ex-estudantes, relativamente à valorização do conceito de papel de gênero considerou-se as seguintes respostas: “Tema pertinente” (PT-1-01); “Deve-se cada vez mais falar deste tema” (PT-3-13); “Muito importante para nos sentirmos confiantes com as nossas escolhas.” (PT-1-06); “De fundamental importância.” (BR-ITA-2-01); “Importantíssimo para qualquer formação profissional.” (BR-SC-5-07); “Além de importante ele é crucial ser discutido tanto na sociedade como na escola.” (BR-ITA-4-08). As respostas são semelhantes nos ex-estudantes das duas universidades, conforme se observa no Quadro 4.

Quadro 4 – Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre a subcategoria papel de gênero (+)

Categoria: GÊNERO Subcategoria: PAPEL DE GÊNERO (+)		
Fenômeno(s):	Ex-estudantes da UMa	Ex-estudantes da UFS
Valorização do conceito de papel de gênero	Tema pertinente (PT-1-01) Muito importante (PT-1-02) É importante cada vez mais abordar este tema (PT-3-11) Deve-se cada vez mais falar deste tema (PT-3-13)	De fundamental importância. (BR-ITA-2-01) Além de importante ele é crucial ser discutido tanto na sociedade como na escola. (BR-ITA-4-08) Esse tema é muito interessante (BR-ITA-4-10) É de grande relevância (BR-ITA-5-14)

	<p>Muito pertinente (PT-3-15) Bastante pertinente (PT-4-16) Relevante na atualidade (PT-5-18) É um tema pertinente (PT-5-19) O gênero é construído socialmente. (PT-5-22) Muito importante para nos sentirmos confiantes com as nossas escolhas. (PT-1-06)</p>	<p>Importante e precisa ser debatido (BR-SC-1-01) É muito relevante (BR-SC-5-03) Relevante (BR-SC-5-05) Importantíssimo para qualquer formação profissional (BR-SC-5-07) Relevante (BR-SC-5-08) É importante e respeito (BR-SC-5-09) faz compreender como devemos nos portar em meio às dificuldades que ele nos traz, e entendê-lo melhor, pois muitas vezes ficamos sem compreender o real significado. (BR-ITA-4-10) Concordo que há um papel de gênero, que inclusive existe um funcionamento cerebral diferenciado entre homens e mulheres. (BR-SC-5-06) Importante para um bom relacionamento na família, para uma boa relação social. (BR-ITA-3-04)</p>
<p>Construção/reconstrução do papel de gênero centrada na percepção subjetiva da identidade.</p>	<p>Penso que um homem ou uma mulher têm o direito de manifestar a sua preferência ou sentimentos diferentes e deveriam usar roupas diferentes, ou viverem como querem. (PT-1-03) Menino ou menina, homem ou mulher, têm o direito de gostar e de manifestar a sua preferência ou sentimentos, por diferentes roupas, situações ou assuntos. (PT-2-08) Os papéis de gênero são desenvolvidos desde a infância, durante o processo de construção de identidade da criança (PT-2-09) Cada um deve ter o direito de decidir conforme se sente. (PT-3-10) Cada pessoa tem direito a fazer o que quer, independentemente do seu gênero. Esta predefinição de papéis não deveria existir. (PT-3-12) as crianças devem ser estimuladas a pensar sobre os papéis de gênero. (PT-3-14) Os homens ou as mulheres devem manifestar as suas diferenças e preferências (PT-5-20) Não devemos impor rótulos a um menino ou menina. Um menino pode gostar de rosa, chorar e ser sensível, tal como a menina que pode gostar de azul e de brincar com carros. (PT-1-05) Permite ultrapassar barreiras de pensamentos preconicionadas (PT-5-21) Cada um deve ter o direito de decidir conforme se sente. (PT-3-10) Cada pessoa tem direito a fazer o que quer, independentemente do seu gênero. (PT-3-12)</p>	<p>Conhecer o papel do gênero é aceitar que as pessoas têm seus próprios em seus e desejos (BR-ITA-3-04) É a representação do que a pessoa realmente é sem ter conexão com o sexo biológico (BR-ITA-4-11) tem o direito de exercer o que a ele(a) melhor si identificar ou gostar. (BR-ITA-5-12) As pessoas não são como queremos, mas como elas se enxergam, devemos respeitar e aceitar. (BR-ITA-3-04) que chame atenção para o fato de que respeitar é um dever de todos independente de como o outro se reconheça enquanto indivíduo. (BR-SC-5-02)</p>

	as crianças devem ser estimuladas a pensar que o azul não é só para meninos e o rosa para meninas, entre outras ideias estereotipadas. (PT-2-09)	
--	--	--

Fonte: Os autores (2021)

Constatou-se também que a construção/reconstrução do papel de gênero está centrada na percepção subjetiva da identidade. Os ex-estudantes mencionam o seguinte: “Penso que um homem ou uma mulher têm o direito de manifestar a sua preferência ou sentimentos diferentes e deveriam usar roupas diferentes, ou viverem como querem.” (PT-1-03); “Penso que um homem ou uma mulher têm o direito de manifestar a sua preferência ou sentimentos diferentes e deveriam usar roupas diferentes, ou viverem como querem.” (PT-1-03); “Menino ou menina, homem ou mulher, têm o direito de gostar e de manifestar a sua preferência ou sentimentos, por diferentes roupas, situações ou assuntos.” (PT-2-08); “Os papéis de gênero são desenvolvidos desde a infância, durante o processo de construção de identidade da criança.” (PT-2-09); “Cada um deve ter o direito de decidir conforme se sente.” (PT-3-10); “Cada pessoa tem direito a fazer o que quer, independentemente do seu gênero. Esta predefinição de papéis não deveria existir.” (PT-3-12); as crianças devem ser estimuladas a pensar sobre os papéis de gênero.” (PT-3-14); “Os homens ou as mulheres devem manifestar as suas diferenças e preferências.” (PT-5-20); “Não devemos impor rótulos a um menino ou menina. Um menino pode gostar de rosa, chorar e ser sensível, tal como a menina que pode gostar de azul e de brincar com carros.” (PT-1-05); “Conhecer o papel do gênero é aceitar que as pessoas têm seus próprios em seus e desejos.” (BR-ITA-3-04); “É a representação do que a pessoa realmente é sem ter conexão com o sexo biológico.” (BR-ITA-4-11); [cada um] “tem o direito de exercer o que a ele(a) melhor si identificar ou gostar.” (BR-ITA-5-12); “As pessoas não são como queremos, mas como elas se enxergam, devemos respeitar e aceitar.” (BR-ITA-3-04); “respeitar é um dever de todos independente de como o outro se reconheça enquanto indivíduo.” (BR-SC-5-02).

Sobre os constrangimentos relativos à vivência do papel de gênero, conforme o quadro 5, são os ex-estudantes da UFS que referem que aqueles são causados pelos padrões sociais estereotipados e mencionam o seguinte: “É realmente necessário falar mais sobre o assunto, para quebrar paradigmas e tabus que a sociedade ainda inculca nas pessoas.” (BR-ITA-3-03); “... há uma desigualdade e esta por sua vez causa o preconceito que estabelece os padrões ditado pela sociedade enquanto poder e hierarquia que são impostos ao indivíduo.” (BR-ITA-5-12); “Minha opinião é que a sociedade ainda segue esses costumes do que é masculino e o

que é feminino, precisa ser trabalhado e haver mais liberdade de escolha, principalmente ao gênero feminino.” (BR-ITA-3-02); “É preciso que a sociedade e a família entendam que independente do gênero, classe social, raça e religião o indivíduo tem o direito de ser livre pra escolher viver o que deseja e gosta.” (BR-ITA-5-13); “...para que seja modificado na sociedade a visão preconceituosa existente desde os primórdios. “(BR-ITA-5-14); “O papel de gênero na sociedade é muito rotulado pelos (indivíduos), enquanto inseridos ... na sociedade.” (BR-ITA-5-12).

Verifica-se uma forte consciência da maioria dos ex-estudantes da UFS para os constrangimentos na vivência do papel de gênero fora dos padrões sociais estereotipados. Isso é justificado pela experiência de contextos sociais predominantemente paternalistas, com tabus sobre esta temática e que dificultam principalmente nas mulheres na livre escolha da vivência do seu gênero.

Ao contrário de todas as referências anteriores achou-se curiosa esta resposta: “A pessoa é livre pra não corresponder aos papéis impostos para cada gênero.” (BR-SC-5-04), porque revela um ponto de vista diferente. Segundo este participante os indivíduos não estão assim tão condicionados pelos padrões sociais e podem divergir desses padrões impostos. Entre os ex-estudantes da UMA, este fenômeno registou apenas uma referência: “Esta predefinição de papéis não deveria existir.” (PT-3-12), o que poderá significar que comparativamente aos ex-estudantes da UFS o meio social dos participantes portugueses é menos condicionante e mais permissivo à vivência das questões de gênero.

Na análise comparativa dos discursos dos participantes, observa-se que tanto os ex-estudantes da UMA como os da UFS valorizam o conceito de papel de gênero e reconhecem a necessidade de discuti-lo. Utilizam também expressões idênticas quando fazem considerações valorativas sobre este conceito. No entanto, conforme o quadro 5, verifica-se uma forte consciência da maioria dos ex-estudantes da UFS para os constrangimentos na vivência do papel de gênero por influência de padrões sociais estereotipados. Os participantes têm conhecimento de contextos sociais predominantemente paternalistas e cuja presença de tabus sobre esta temática dificulta principalmente as mulheres na livre vivência do seu gênero.

Quadro 5 – Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre a subcategoria papel de gênero (-)

Categoria: GÊNERO Subcategoria: PAPEL DE GÊNERO (-)		
Fenômeno(s):	Ex-estudantes da UMA	Ex-estudantes da UFS
Constrangimentos na vivência do papel de gênero motivados pela influência de padrões sociais estereotipados.	Esta predefinição de papéis não deveria existir. (PT-3-12)	É realmente necessário falar mais sobre o assunto, para quebrar paradigmas e tabus que a sociedade ainda inculca nas pessoas (BR-ITA-3-03) A pessoa é livre pra não corresponder aos papéis impostos para cada gênero (BR-SC-5-04) Visto que há uma desigualdade e esta por sua vez causa o preconceito que estabelece os padrões ditado pela sociedade enquanto poder e hierarquia que são impostos ao indivíduo. (BR-ITA-5-12) Que vivemos em uma sociedade machista (BR-ITA-3-06) Minha opinião é que a sociedade ainda segue esses costumes do que é masculino e o que é feminino, precisa ser trabalhado e haver mais liberdade de escolha, principalmente ao gênero feminino. (BR-ITA-3-02) É preciso que a sociedade e a família entendam que independente do gênero, classe social, raça e religião o indivíduo tem o direito de ser livre pra escolher viver o que deseja e gosta (BR-ITA-5-13) para que seja modificado na sociedade a visão preconceituosa existente desde os primórdios. (BR-ITA-5-14) O papel de gênero na sociedade é muito rotulado pelos (indivíduos), enquanto inseridos ... na sociedade. (BR-ITA-5-12)
Não valorização do conceito de papel de gênero	assumido com pouca relevância para a sociedade. (PT-1-01) Um tema que não faz qualquer sentido, principalmente, hodiernamente, em que as mentalidades são outras. (PT-1-04)	

Fonte: Os autores (2021)

No que diz respeito ao fenômeno da não valorização do papel de gênero, verificou-se apenas em afirmações dos ex-estudantes da UMA: “assumido com pouca relevância para a sociedade.” (PT-1-01). Este participante entende não ser necessário atribuir importância a este conceito, porque socialmente não é atribuído relevância. Um outro participante afirma: “Um tema que não faz qualquer sentido, principalmente, hodiernamente, em que as mentalidades são outras.” (PT-1-04). É curiosa esta resposta na medida em que ela representa a força implícita do tabu e consequentemente a tendência para não discutir esta temática.

Conclusão

Neste artigo apresentou-se o papel de gênero como conceito inerente ao gênero. Pretendeu-se saber em termos comparativos se os ex-estudantes da Universidade da Madeira e da Universidade Federal de Sergipe valorizam o papel de gênero e se alguma vez tomaram iniciativas nesse sentido.

Comparando os resultados, verifica-se que há um envolvimento maior dos ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe na discussão do tema papel de gênero. Em oposição, as respostas dos ex-estudantes na Universidade da Madeira confirmam a pouca adesão a essa iniciativa.

Na análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes na subcategoria papel de gênero, observa-se que tanto os ex-estudantes da UMA como os da UFS valorizam o conceito de papel de gênero e reconhecem a necessidade de discuti-lo. Utilizam também expressões idênticas quando fazem considerações valorativas sobre este conceito.

Os participantes são favoráveis à desconstrução do papel de gênero, centrada na percepção subjetiva da identidade pois permite a vivência de diferentes formas de masculinidade e feminilidade. No entanto têm consciência que tal atitude desencadeia fenômenos de resistência social em sociedades menos permissivas.

Verifica-se uma forte consciência da maioria dos ex-estudantes da UFS para os constrangimentos que a vivência do papel de gênero acarreta, fora dos padrões sociais normativos. Os ex-estudantes da UFS confirmam que contextos sociais com a presença de tabus sobre esta temática que dificultam principalmente as mulheres na livre vivência do seu gênero.

Neste aspeto os participantes portugueses revelam que o meio social é menos condicionante e mais permissivo à vivência das questões de gênero. No entanto existem dois participantes da UMA que referem não valorizar o papel de gênero porque não é atribuída socialmente relevância. Esta resposta representa o tabu ainda presente e a conseqüentemente tendência para não discutir esta temática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. M.; JAEHN, L.; VASCONCELLOS, M. Precisamos falar de gênero: por uma educação democrática. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. esp. 2, p. 1503–1517, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v13.nesp2.set2018.11657>

ALMEIDA, W. R. A. Uniforme escolar e uniformização dos corpos. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 22, p. 9-22, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v10i22.6134>

ALVES, F. C.; FIALHO, L. M. F.; LIMA, M. S. L. Formação em pesquisa para professores da educação básica. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 27, p. 285-300, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v11i27.8582>

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BOGDAN, R.; BLIKEN S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 2017.

BRAZÃO, J. P. G.; OLIVEIRA, A. L.; DIAS, A. F. University students' voices on sexual and gender diversity, their relationship with coeducation and pedagogical innovation: a comparative study at the University of Madeira (Portugal) and the Federal University of Sergipe (Brazil). **Journal of Research and Knowledge Spreading**, v. 2, n. 1, e12445, 2021. DOI: <https://doi.org/10.20952/jrks2112445>

BRAZÃO, P. Apresentação do projeto vozes dos estudantes universitários sobre a diversidade sexual e de gênero, sua relação com a coeducação e com a inovação pedagógica: um estudo comparativo na Universidade da Madeira e na Universidade Federal de Sergipe. **The Brain**, 2021. Disponível em: <https://bra.in/7vA6Q3>. Acesso em: 10 out. 2021.

BRAZÃO, P.; DIAS, A. Relações de gênero e do corpo na Escola: Diretivas promotoras de culturas inclusivas para as práticas pedagógicas. **Revista Cocar**, v. 14, n. 29, 2020.

BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity** Routledge, 1990.

CANAL das Bee. Papel de gênero - Guia Básico #4. 2018. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fgRmDkDSCM>. Acesso em: 10 out. 2021.

CARDOSO, H. de M.; DIAS, A. F. Saberes trans* em universidades nordestinas. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. Esp. 3, p. 1689–1712, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v24i3.14208>

CARDOSO, H. M.; DIAS, A. F. Representações sobre corpo, gênero e sexualidades de estudantes das licenciaturas do Instituto Federal de Sergipe, campus Aracaju. **Práxis Educacional**, v. 13, n. 24, p. 76-94, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxis.v13i24.930>

CARDOSO, H. M.; DIAS, A. F. Trans* subjectivities in the higher education curriculum. **Journal of Research and Knowledge Spreading**, v. 2, n. 1, e12305, 2021. <https://doi.org/10.20952/jrks2112305>

CARDOSO, J. M; SOARES, A. S.; LIMA, C. H. L. A Subversão do Gênero e o Gênero da Subversão. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 3, n. 4, out./dez. 2017.

CARDOSO, L. R.; MELO, R. V. O. S. Construção do critério gênero no Programa Nacional do Livro Didático (2006-2020). **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 63–83, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v16i1.13752>

CARDOSO, L. R.; BERTOLDO, T. A. T.; SANTOS, L. B. A. Gênero e sexualidade na formação docente: um mapeamento das pesquisas entre Norte e Nordeste. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v. 24, n. esp. 3, p. 1743-1764, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v24iesp3.14092>

CARVALHO, M. E. P. *et al.* Origins and challenges of gender studies centers in higher education in NorthERN and Northeastern Brazil. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 21, p. 163-176, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v10i21.6340>

COUTO, A. S.; CRUZ, M. H. S. Inserção de gênero no currículo de História e a formação para o trabalho docente. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 23, p. 249-262, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v10i23.6764>

CROCIARI, A.; PEREZ, M. C. A. O que estamos estudando sobre gênero na educação infantil: as lacunas na formação docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1556–1568, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21723/riace.v14iesp.2.12615>

DIAS, A. F. *et al.* Schooling and subversions of gender. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 22, p. 83-92, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v10i22.6433>

DIAS, A. F.; BRAZÃO, J. P. G. Iniciativas de promoção das discussões de gênero e diversidade sexual no contexto acadêmico: um estudo comparativo. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9502>. Acesso em: 17 set. 2021.

DIAS, A. F.; MENEZES, C. A. A. Que inovação pedagógica a pedagogia queer propõe ao currículo escolar?. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 23, p. 37-48, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v10i23.7443>

DIAS, A. F.; OLIVEIRA, D. A.; SANTOS, M. S. Uma revisão sistematizada da produção do conhecimento sobre corpo, gênero, sexualidades na educação. **Revista Temas em Educação**, v. 27, n. 2, p. 119–133, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2359-7003.2018v27n2.24814>

DIAS, A. F.; SILVA, I. P. ; RIOS, P. P. S. Os estudos de gênero em revistas científicas do FEPAE-NN: uma revisão sistematizada. **Revista Exitus**, v. 10, n. 1, p. e020039, 2020. DOI: <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2020v10n0ID128>

DONATO, A.; TONELLI, L. A resistência do corpo. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 12, n. 28, p. 49-62, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v12i28.10164>

FRANÇA, F. G. R.; FERRARI, A. Mais do que professores/as, professores/as homossexuais na escola. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 20, p. 41-52, 2016. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v9i20.5894>

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 5. ed. Petrópolis: Vozes. 2003.

LUCIFORA, C. A. *et al.* Marcas sociais de nossos tempos: gênero, sexualidade e educação em âmbito escolar. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1395–1409, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v14iesp.2.12607>

MENEZES, C. A. A.; DIAS, A. F.; SANTOS, M. S. What pedagogical innovation does queer pedagogy propose to the school curriculum?. **Práxis Educacional**, v. 16, n. 37, p. 241-258, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i37.6168>

MORAIS, J. F. S.; BAIÃO, J. C.; DE FREITAS, C. J. Questões de gênero e sexualidade na escola: narrativas docentes. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13, n. 32, p. 1-15, 2020. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v13i32.11565>

NASCIMENTO, L. F.; CAVALCANTE, M. M. D. Abordagem quantitativa na pesquisa em educação: investigações no cotidiano escolar. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 25, p. 249-260, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v11i25.7075>

NUNES, C. P. Conversas interativo-provocativas como opção teórico-metodológica nas Ciências Humanas e na educação. **Práxis Educacional**, v. 16, n. 37, p. 408-439, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i37.6207>

OLIVEIRA, A. L.; BRAZÃO, J. P. G.; DIAS, A. F. Dialogue about gender, sexuality and bodies in academic context: a possibility of pedagogical innovation? **Journal of Research and Knowledge Spreading**, v. 2, n. 1, e12484, 2021. DOI: <https://doi.org/10.20952/jrks2112484>

PALMEIRA, L. L. L.; DIAS, A. F. The importance of Teacher education in the face of the perspectives of diversity: in search of an egalitarian society. **Journal of Research and Knowledge Spreading**, v. 2, n. 1, e12260, 2021. DOI: <https://doi.org/10.20952/jrks2112260>

PIRES, M. A. Gênero e sexualidade nos currículos de formação em Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

RIOS, P. P. S.; CARDOSO, H. M.; DIAS, A. F. Concepções de gênero e sexualidade d@s docentes do curso de licenciatura em pedagogia: por um currículo Queer. **Educação & Formação**, v. 3, n. 2, p. 98–117, 2018. DOI: <https://doi.org/10.25053/redufor.v3i8.272>

RIOS, P. P. S.; DIAS, A. F. “Nossa história de vida é construída a partir do nosso corpo”: a produção do corpo viado na docência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 3, p. 1265–1283, 2020. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v15i3>

RIOS, P. P. S.; VIEIRA, A. R. L. The emerging of a gender discourse in education: the differences in the school space. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13, n. 32, p. 1-18, 2020. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v13i32.13061>

SANTOS, A. C.; FELDENS, D. G. Vozes do triunfo: narrativas de si de professoras da educação básica. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 1, p. 379-392, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v11i01.9666>

SANTOS, É. S.; LAGE, A. C. Gênero e diversidade sexual na educação básica: um olhar sobre o componente curricular Direitos Humanos e Cidadania da rede de ensino de Pernambuco. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 22, p. 69-82, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v10i22.6042>

SANTOS, M. H. S. R.; RIOS, J. A. V. P. Education and cultural differences: boundary educational practices in basic education. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 14, n. 33, p. e13670, 27 fev. 2021. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v14i33.13670>

SCOTT, J. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 216, jan./abr. 2005.

SILVA, I. P.; DIAS, A. F.; RIOS, P. P. S. Os estudos de Gênero na Revista Tempos e Espaços em Educação: uma Revisão Sistematizada. **Educação & Formação**, v. 5, n. 14, p. 150–175, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25053/redufor.v5i14mai/ago.2495>

VILAÇA, T. Metodologias de ensino na educação em sexualidade: desafios para a formação contínua. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp.2, p. 1500–1537, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v14iesp.2.12614>

VIVAS, A.; BASTIDAS, C.; FARIAS, A. Desempenho acadêmico de uma perspectiva geográfica e de gênero em programas de distância. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. 3, p. 1200–1215, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v24i3.14357>

Como referenciar este artigo

BRAZÃO, J. P. G.; DIAS, A. F. O que dizem os estudantes sobre papel de gênero: um estudo comparativo na Universidade Federal de Sergipe e na Universidade da Madeira. **Nuances Est. Sobre Educ.**, Presidente Prudente, v. 32, e021002, jan./dez. 2021. e-ISSN: 2236-0441. DOI: <https://doi.org/10.32930/nuances.v32i00.9115>

Submetido em: 15/09/2021

Revisões requeridas: 10/10/2021

Aprovado em: 12/11/2021

Publicado em: 28/12/2021